

AQUISIÇÃO LEXICAL EM LÍNGUA ESTRANGEIRA:

FOCO NAS ESTRATÉGIAS INFERENCIAIS DO LEITOR PROFICIENTE

Alessandra Baldo¹

Sendo verdadeiro que apenas o conhecimento do léxico de uma língua estrangeira (L2) não é suficiente para levar o aprendiz ao desenvolvimento de sua competência comunicativa, é igualmente verdadeiro que somente através dele os conhecimentos sintáticos, morfológicos e discursivos podem ser aplicados de forma apropriada, levando, assim, em um processo de aquisição bem-sucedido, ao aprimoramento das diferentes habilidades linguísticas na L2. Desse modo, uma melhor compreensão dos diferentes caminhos que levam à aquisição lexical em língua estrangeira tem como resultado provável um aprimoramento dos métodos de ensino e aprendizagem de vocabulário em L2, ainda que isso não ocorra, a princípio, de imediato.

Entre esses diferentes caminhos, a análise do contexto em que a palavra está inserida ocupa um lugar de destaque. Ao refletir sobre o papel do contexto no aprendizado do vocabulário tanto em língua materna como língua estrangeira, Nagy (1997, p. 64) sustenta que sua importância é evidente a partir de duas observações de senso comum: 1) o significado de uma palavra varia de acordo com o contexto em que é usada; 2) os diferentes contextos fornecem dados para que os usuários apreendam quantidade significativa de vocabulário de modo implícito.

Analisar o contexto da palavra é, na verdade, realizar uma inferência lexical. Empregadas de modo mais ou menos consciente, dependendo do grau de esforço cognitivo demandado para compreender o novo vocábulo, as inferências têm sido objeto de estudo de diversos estudos, tanto na L1 (MARCUSCHI, 1985, 2008; FERREIRA, 2004; SOUZA, 2011, entre outros) como na L2 (BENSOUSSAN e LAUFER; 1984; KELLY, 1990; NASSAJI, 2003; PARIBAKHT, 2005; HAASTRUP, 2008; ALVES, 2008), o que ajuda a confirmar a afirmação de Nagy sobre o papel destas no processo de aquisição lexical.

Isso colocado, a proposta deste artigo é apresentar os resultados de uma pesquisa sobre os recursos empregados por dezesseis leitores proficientes em inglês como L2 para a realização da inferência de quatro itens lexicais – um substantivo, um verbo, um verbo frasal e uma expressão idiomática.² Utilizando a técnica de protocolos verbais e a proposta de Nassaji (2003) para classificar os recursos inferenciais, os objetivos principais foram identificar as estratégias que apresentavam maior e menor frequência de uso. Iniciamos o texto com uma breve revisão teórica sobre aquisição lexical, inferência e leitura em L2, e a seguir passamos à descrição do estudo, finalizando com uma discussão dos resultados à luz de pesquisas prévias sobre o tema.

Aquisição lexical e leitura em L2

¹ Professora-adjunta do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, RS, área de Língua Inglesa. E-mail: lelbaldo@terra.com.br.

² Resultados parciais deste estudo estão publicados no artigo “Recursos de inferência lexical em L2” (*Letras de Hoje*, v. 44, n. 3, Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 60-69, 2009), e são rediscutidos aqui à luz de nova revisão da literatura.

Como demonstrado por estudos correlacionais, o conhecimento de vocabulário é o principal fator para a leitura eficaz. O estudo de Laufer (1991), por exemplo, apontou para correlações significativas entre dois testes de vocabulário e os escores de leitura de aprendizes de L2. Koda (1989) e Coady et al (1993) também encontraram resultados semelhantes em seus trabalhos: enquanto o primeiro apontou para uma correlação alta entre um teste de vocabulário e duas medidas distintas de compreensão leitora, o teste cloze e a compreensão de parágrafos, o segundo mostrou, através de dois experimentos de natureza diversa, que um aumento da proficiência no vocabulário de alta frequência acarretou um aumento da proficiência em leitura.

Khodadady (2000), de outro modo, focou no tipo de vocabulário determinante para o sucesso em leitura, se o contextual – ou seja, relativo às palavras presentes em um determinado texto – ou o global – ou seja, não relacionado especificamente às palavras do texto. Para tanto, o autor correlacionou os escores nos testes de compreensão de vocabulário contextual, de vocabulário global e de compreensão leitora de 123 falantes nativos e de 64 falantes não-nativos de inglês. A análise estatística revelou correlações significativas entre o teste de compreensão leitora e o teste de conhecimento de vocabulário contextual tanto para os falantes nativos como para os não-nativos, sugerindo que este último apareceu como o fator determinante para a leitura bem-sucedida, tanto na L1 como na L2.

Essa inter-relação entre conhecimento lexical e desempenho em leitura tem motivado estudiosos a descobrirem a quantidade de palavras que um leitor deve conhecer a fim de ser capaz de compreender o que lê. O estudo mais recente sobre esse tema (GRABE, SCHMITT e JIANG, 2010) fixou o percentual em 98%, enquanto os anteriores apresentavam uma variação entre 95 a 98% do total de palavras presentes nos textos (LAUFER, 1991; HAZENBERG e HULSTIJN, 1996; KODA, 2005).

No que diz respeito à leitura em língua estrangeira especificamente, a aquisição de três mil famílias de palavras – que correspondem, aproximadamente, a 5.000 itens lexicais – tem sido indicada como o número mínimo para que um leitor habilidoso em sua L1 consiga transferir suas estratégias de leitura para a L2 (LAUFER, 1997). Nesse contexto, o resultado da comparação feita por Hu e Nation (2000) entre os efeitos relativos à proporção das palavras conhecidas em um texto, com variações entre 80 a 100% de compreensão textual entre estudantes universitários que tinham o inglês como língua estrangeira, é bastante revelador: nenhum dos leitores que conhecia aproximadamente 80% do total de palavras do texto foi capaz de apreender seu significado, e somente alguns dos que conheciam 95% deste total alcançaram a compreensão textual, mas não a maioria.

Tais dados ilustram dois fatos interligados: a importância da aquisição de vocabulário para a compreensão leitora e a complexa tarefa de todo aprendiz de L2 que deseja se tornar um leitor habilidoso – ou seja, adquirir o maior número possível de palavras dentro do menor tempo possível. Diferentemente da aquisição lexical na L1, que se dá, na maioria das vezes, de modo incidental, a aquisição de novos vocábulos na L2 se dá de forma mais lenta e demanda um esforço maior por parte do aprendiz, como veremos a seguir.

Inferência lexical na L2

De acordo com Schmitt (2000, p.153), descobrir o significado de palavras novas por meio do contexto é uma estratégia chave para o aprendizado de vocabulário, e foi apontada por Nation (1990) como um dos três recursos mais utilizados para lidar com dificuldades de entendimento de palavras de baixa frequência. O mesmo foi constatado nos estudos de Fraser (1999), Paribakht e Wesche (1999), Cooper (1999) e Alves (2008).

Em Fraser (op. cit), os casos de uso de inferência corresponderam a 58% das estratégias empregadas por aprendizes adultos de L2 para encontrar o significado do vocábulo desconhecido, enquanto a segunda estratégia mais empregada, consulta ao dicionário, respondeu por 39% do total. Paribakht e Wesche (op. cit.) encontraram um percentual ainda maior ao avaliarem as estratégias utilizadas por dez estudantes universitários de nível intermediário de inglês como L2 com as palavras desconhecidas de um texto: 80%, com os restantes 20% sendo divididos entre as estratégias de repetição da palavra em voz alta ou releitura e solicitação de assistência, tanto por meio de questionamento direto ao entrevistador como por meio de consulta ao dicionário.

Cooper (1999) e Alves (2008) encontraram resultados semelhantes. Ao analisar as estratégias de dezoito estudantes universitários aprendizes de inglês como L2 para descobrir o significado de vinte expressões idiomáticas de uso comum, Cooper concluiu que a inferência pelo contexto foi a mais empregada, com 28% do total. Além dessa, outras duas estratégias foram frequentemente utilizadas: análise do idioma, com 24% do total, e uso do significado literal, com 19%. Os aprendizes também se valeram de estratégias de outra natureza, mas de modo menos expressivo: enquanto a solicitação de informação foi responsável por 8% do total de estratégias, a paráfrase ou repetição, a utilização de conhecimento prévio e o emprego da L1 responderam, cada uma, por 7% do total. Alves (op. cit.), da mesma forma, constatou que o uso do contexto foi o principal recurso adotado por seis estudantes de inglês como L2, três deles com nível básico e três deles com nível intermediário em leitura, para chegar ao significado de dez itens lexicais. Independentemente da proficiência em leitura na L2, o uso do contexto superou em mais de 50% a segunda estratégia mais empregada, recorrência a L1, ainda que tenha sido utilizada pelos leitores de nível intermediário mais vezes do que pelos de nível básico. A eficácia do emprego da estratégia também não se deu de modo regular, com os leitores mais proficientes tendo se beneficiado de um modo bastante mais significativo do que os menos proficientes: os primeiros a utilizaram dezenove vezes, com um total de treze acertos e de seis erros, e os últimos, treze vezes, com um total de dois acertos e onze erros.

O status de recurso frequentemente utilizado por aprendizes de L2 para o aprendizado de novas palavras fez com que novas questões relativas às inferências lexicais pelo contexto fossem levantadas, como, por exemplo, os fatores que têm um papel importante nas inferências bem-sucedidas e a contribuição de diferentes estratégias e fontes de conhecimento para o sucesso das inferências lexicais.

Read (2000), por exemplo, ao revisar as pesquisas sobre inferência lexical na L2, faz os seguintes questionamentos:

- (1) qual é o tipo de informação contextual disponível para auxiliar leitores a descobrir o significado de palavras novas em um texto?;
- (2)

tais indícios estão disponíveis, de modo geral, em textos autênticos?; (3) em que medida os aprendizes inferem o significado de palavras desconhecidas sem receberem treinamento específico para isso?; (4) o treinamento de estratégias é um modo efetivo de desenvolver as habilidades de inferência lexical dos leitores?; (5) a inferência lexical apropriada leva ao conhecimento do item lexical? (Read, p. 54, tradução nossa)

Com relação à primeira questão, o autor lembra que há uma série de estudos que procuram classificar os indícios contextuais que podem auxiliar tanto leitores de L1 como de L2, sendo o modelo de Sternberg e Powell (1983) um dos mais influentes. Segundo o modelo, há um contexto externo, classificado de acordo com os tipos de informação semântica disponíveis no texto próximo à palavra, e outro interno, constituído unicamente pela estrutura da palavra. Entre os indícios externos estão os temporais (quando e com que frequência a palavra é empregada), os espaciais (onde a palavra pode ser encontrada), os de equivalência (com o que a palavra pode ser comparada e/ou contrastada); entre os internos, os indícios provenientes do sufixo, prefixo e raiz das palavras. Ambos possuem variáveis de mediação, como o número de ocorrências da palavra, a variabilidade dos contextos em que múltiplas ocorrências de palavras desconhecidas ocorrem e a densidade das palavras desconhecidas, entre outras.³

Com tantos indícios possíveis para se encontrar o significado de uma palavra nova, Read (op. cit) alerta para o fato de que, ainda que seja relativamente comum a crença de que toda palavra desconhecida apresenta indícios contextuais, isso está longe de ser verdadeiro. Como exemplo, cita um estudo de Schatz e Baldwin (1986) com estudantes de segundo grau cuja tarefa era descobrir o significado de palavras de baixa frequência, sendo que um grupo lia as palavras de forma contextualizada (parágrafos de romances, livros didáticos, periódicos), enquanto o outro escrevia a definição das mesmas, sem contexto algum. O desempenho nas tarefas foi o mesmo para ambos os grupos, a despeito dos recursos contextuais disponibilizados para um deles.

As questões 3 e 4 levantadas pelo autor estão diretamente relacionadas. Na primeira delas, o autor questiona a capacidade de inferência lexical em língua estrangeira por parte de aprendizes que possuem conhecimento limitado na L2, com base em resultados de pesquisa que mostraram as dificuldades destes em elaborar inferências bem-sucedidas. Na segunda, ele reflete sobre a validade do treinamento no uso de estratégias inferenciais como forma de auxiliar esses aprendizes, afirmando que não há dados suficientes de pesquisa sobre o assunto.

Em seu último questionamento, Read chama a atenção para um aspecto de extrema relevância, que é a relação entre inferência e aquisição lexical. O autor utiliza dados do estudo de Mondria e Wit-De Boer (1991) – no qual um primeiro grupo de

³ Nesse contexto, cabe citar aqui também as três categorias de conhecimento que, de acordo com Nagy (1997), contribuem para inferências com base no contexto, ou seja, conhecimento linguístico – subdivididos em conhecimento da sintaxe, do léxico e das possibilidades de significados de palavras em uma dada língua –, conhecimento de mundo e conhecimento estratégico.

aprendizes de inglês como L2 inferiu palavras contempladas com indícios contextuais ricos, enquanto um segundo grupo o fez a partir de um contexto mais restrito, e o pós-teste para verificar a retenção do significado das palavras mostrou que o segundo grupo, e não o primeiro, foi o que obteve um nível maior de retenção – como contra-argumento à teoria de Van-Parreren (1981) de que inferir o significado de uma palavra em contexto facilita o processo de aquisição.

A partir dessa revisão da literatura, na qual tanto (i) o papel-chave da inferência lexical na leitura e no processo de aquisição de novos vocábulos na L2 como (ii) a variada e complexa gama de fatores que influenciam na elaboração de inferências lexicais apropriadas foram enfatizadas, na seção seguinte passamos a descrever nosso estudo, que teve como objetivo, conforme explicado no início deste texto, identificar as estratégias de inferência lexical que apresentaram maior e menor ocorrência entre leitores proficientes de inglês como L2, na tentativa de buscar uma melhor compreensão do processo inferencial.

O estudo

Os dados utilizados no estudo foram provenientes dos protocolos verbais da pesquisa de doutorado de Baldo (2006)⁴. Foram selecionados exclusivamente os excertos relativos às quatro questões de inferência lexical de dezesseis alunos do Programa de Pós-Graduação em Letras de uma universidade do Rio Grande do Sul com formação acadêmica e atuação profissional na área de língua inglesa. Na pesquisa de 2006, as inferências lexicais foram avaliadas com base em um quadro comparativo com mais de 20 estratégias de leitura, e esse fato motivou novo estudo para uma análise mais detalhada a respeito da natureza dessas inferências (Baldo, 2010), de acordo com a descrição aqui realizada.

No trabalho de 2006, os instrumentos foram (i) um teste de leitura em L2 com doze questões gerais de compreensão, quatro delas relativas à inferência lexical, (ii) lista de estratégias de leitura e (iii) aplicação da técnica de protocolos verbais durante a resposta às questões. A aplicação dos instrumentos deu-se em sessões individuais, iniciando com leitura silenciosa de um texto em língua inglesa e, em seguida, com as respostas às questões de compreensão, as quais incluíam formular o significado de quatro palavras/expressões. As duas primeiras eram *partitioned* e *docudrama* (processo de dividir e filme baseado em fatos reais, respectivamente), e a sentença em que se encontravam no texto era: “*Set in a Rio de Janeiro housing Project built in the 60s, partitioned by drug gangs in the 70s, and exploded into a full-blown war zone by the 80s, City of God is an epic docudrama – electric and raw*”⁵. O idioma *hair-trigger temper* (temperamento explosivo) constituía o terceiro item lexical, e encontrava-se no seguinte contexto: “*The person Rocket most dreads is Li'l Zé, whose hair-trigger temper and trigger-finger have cast a giant shadow over the City of God since both were children*”⁶. O último item era o verbo frasal *carve out*, e a frase que o

⁴ A tese, defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul sob orientação da Profa. Vera Wanmacher Pereira e co-orientação do Prof. William Grabe, intitula-se “Estratégias de Leitura na Língua Materna e na Língua Estrangeira”.

⁵ Filmado no projeto de moradia carioca construído nos anos 60, dividido por gangues de droga nos anos 70 e transformado em uma verdadeira zona de guerra pelos anos 80, *Cidade de Deus* é um drama-documentário épico – elétrico e cruel.

⁶ A pessoa que Rocket mais teme é Lil'Zé, cujo temperamento explosivo e dedo sempre no gatilho fizeram pairar uma sombra gigante sobre a Cidade de Deus desde que ambos eram crianças.

contextualizava era a seguinte: “*It has two characters with whom we can identify and empathize, who carve out a future in a place where tomorrow never comes*”⁷.

O texto era uma resenha publicada no jornal americano *The Philadelphia Inquirer* sobre o filme brasileiro *Cidade de Deus*, do diretor Fernando Meirelles, intitulada “*Rio Project, a most unholy City of God*” (Rickey, 2003). Esse texto foi selecionado por acreditarmos que: a) o assunto seria de conhecimento geral dos sujeitos, mas, mesmo assim, por não se tratar de assunto tão recente, a interferência do conhecimento prévio, uma das variáveis que desejávamos controlar, estaria menos acentuada⁸; b) o tópico seria de interesse, dada a popularidade atingida pela obra cinematográfica de Meirelles.

No estudo aqui descrito, foram empregados os excertos dos protocolos do trabalho de Baldo (2006) relativos às questões de inferência lexical, como também a proposta de Nassaji (2003) para classificar os diferentes recursos – subdivididos em fontes de conhecimento e estratégias – empregados por leitores para realizarem inferências lexicais na L2. Para o autor, as fontes de conhecimento gramatical, morfológico, discursivo, de língua materna (L1) e de mundo constituem o primeiro tipo de recurso, enquanto as estratégias de releitura, repetição, verificação, autoquestionamento, análise, monitoramento e analogia com a L1, o segundo. Para esta pesquisa, foi necessário acrescentar também a possibilidade de recuperação automática do item lexical, que consistia na lembrança imediata do significado do vocábulo no momento em que o sujeito o lia, sem haver a necessidade de recorrer a qualquer estratégia adicional.

Recursos lexicais utilizados

O exame dos protocolos verbais dos participantes mostrou que as estratégias mais utilizadas, de acordo com a classificação de Nassaji (op. cit) descrita no parágrafo precedente, foram releitura e análise. Por outro lado, as menos utilizadas foram repetição, analogia, monitoramento e autoquestionamento, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 - Frequência de uso das estratégias de inferência lexical

Fontes de conhecimento	Ocorrências	Porcentagem de uso
Releitura	51	51%
Repetição	4	4%
Verificação	7	7%
Autoquestionamento	2	2%
Análise	17	17%
Monitoramento	3	3%
Analogia	4	4%
Recuperação automática	12	12%
Total	100	100%

⁷ Há dois personagens com quem podemos nos identificar e criar empatia, que lutam por um futuro em um lugar aonde o amanhã nunca chega.

⁸ Vale mencionar que os dados foram coletados em 2004, dois anos após o lançamento do filme.

Como se observa na Tabela 1, a estratégia de releitura teve um total de 51 ocorrências ao longo da atividade de inferência lexical. Como o total do número de estratégias foi 100, ela respondeu sozinha por 51% do total. A segunda estratégia mais utilizada apresentou uma distância percentual significativa em relação à primeira, tendo sido usada 17 vezes durante as respostas aos itens de vocabulário pelos sujeitos.

Algumas estratégias foram empregadas minimamente, como a de repetição e analogia, com somente quatro ocorrências, de monitoramento, com três, e de autoquestionamento, com apenas duas. É importante notar que a recuperação automática do item lexical ocorreu em mais de 10% dos casos, fato compreensível na medida em que os sujeitos da pesquisa eram leitores proficientes em L2.

Com relação às fontes de conhecimento, pode-se visualizar na Tabela 2 que os estratégias mais utilizadas foram relativas ao conhecimento discursivo e morfológico, com 54 e 18 ocorrências, respectivamente. De modo similar ao padrão verificado no uso das estratégias, houve uma distância percentual significativa entre o primeiro e o segundo tipos de conhecimento mais empregados: enquanto o conhecimento discursivo foi responsável por 62%, o morfológico teve 20,8% do total de ocorrências.

Já as fontes de conhecimento menos utilizadas foram conhecimento da L1, de mundo e gramatical, com 7, 5 e 3 ocorrências, respectivamente. Esses números representam, em termos percentuais, 8, 5,8 e 3,4% do total, conforme Tabela 2.

Tabela 2 - Frequência de uso das fontes de conhecimento de inferência lexical

Fontes de conhecimento	Ocorrências	Porcentagem de uso
Conhecimento Gramatical	3	3,4%
Conhecimento Morfológico	18	20,8%
Conhecimento de Mundo	5	5,8%
Conhecimento da L1	7	8%
Conhecimento Discursivo	54	62%
Total	87	100%

A primeira observação digna de nota diz respeito ao paralelismo entre as fontes de conhecimento mais constantemente empregadas e as duas estratégias preferenciais dos participantes, ou seja, releitura e análise, fato que, no nosso entender, seria o esperado. Nos casos em que os sujeitos optaram por empregar, em suas tentativas inferenciais, o conhecimento discursivo, ou seja, relativo às relações entre e nas sentenças e os mecanismos que fazem ligações entre as diferentes partes do texto, a estratégia de escolha não poderia ser outra além da releitura do contexto imediato no qual o item lexical em questão estava inserido. Seguindo a mesma linha de raciocínio, a opção dos participantes de recorrerem ao conhecimento morfológico da L2 – ou seja, baseado no conhecimento da formação e da estrutura da palavra, incluindo derivações, flexões, raízes, sufixos e prefixos – para as respostas aos itens de vocabulário deveria, para ser bem-sucedida, vir acompanhada pela estratégia de análise.

Antes de buscarmos uma explicação para os dados encontrados, é necessário frisar que a maioria das inferências lexicais dos sujeitos do estudo foi bem-sucedida: das 64 respostas fornecidas pelos sujeitos, 53 foram consideradas apropriadas, correspondendo a 82,8% do total, com somente nove delas tendo sido classificadas como inapropriadas e parcialmente apropriadas, equivalendo a 17,1% do total.

Naturalmente que esse número expressivo de inferências corretas tem relação com a proficiência linguística na L2 destes sujeitos, o que explica, em grande medida, a diferença entre o resultado encontrado nesta pesquisa e o encontrado em outros estudos que avaliaram aprendizes que possuíam uma proficiência menor da L2 e que identificaram uma eficácia limitada do contexto nas respostas inferenciais (BENSOUSSAN e LAUFER, 1984; KELLY, 1990; NASSAJI, 2003; ALVES, 2008). A explicação aqui parece estar fundamentalmente no tipo de contexto que se apresenta para os sujeitos com menor conhecimento da L2 – ou seja, com indícios limitados ou indisponíveis, que acabam levando a um equívoco na interpretação do significado do item lexical – em comparação com os sujeitos de nossa pesquisa, que conseguem perceber no contexto indícios ricos e valiosos para a construção da inferência.

Isso colocado, a utilização também significativa do conhecimento morfológico pode ser enquadrada na mesma explicação, já que as informações/restrições morfológicas, juntamente com as sintáticas e fonológicas, possibilitam a construção de um contexto de parte das palavras que constituem um texto de forma automática (SCARAMUCCI, 1997). Assim, retomando o modelo de Sternberg e Powell (1983) descrito anteriormente, podemos afirmar que os participantes do estudo se valeram tanto dos indícios contextuais externos, relativos aos tipos de informação disponíveis no texto próximo à palavra, como dos internos, provenientes do sufixo, prefixo e raiz das palavras.

Já quanto aos recursos menos empregados, o uso discreto do conhecimento da L1⁹ e do conhecimento de mundo merece uma atenção especial, especialmente quando há estudos mostrando a importância de ambos os tipos de conhecimento como suporte à compreensão leitora e à realização de inferências lexicais bem-sucedidas na L2 .

A explicação mais plausível para o uso modesto da L1 é encontrada em teóricos que veem essas situações como uma decorrência do bom nível de proficiência dos sujeitos na L2. De acordo com a teoria de aquisição de língua estrangeira de Krashen (1981), por exemplo, a língua materna é utilizada, em determinados contextos, para substituir a falta de conhecimento na L2. O autor a descreve, nesse sentido, como iniciadora de enunciados (*utterance initiator*), afirmando que será reduzida à medida que o input linguístico e o uso da língua-alvo aumentam. Silva (2003) também entende que o papel facilitador da língua materna no processo de aquisição de uma língua estrangeira concentra-se especialmente nos estágios iniciais, e ele pode acontecer de três modos diversos: uso da L1 como estratégia de andamento¹⁰, como estratégia para o controle da tarefa e, por fim, como estratégia de redução de barreiras afetivas.

⁹ Essa explicação estende-se ao uso também modesto da estratégia de analogia com a L1, já que são recursos complementares.

¹⁰ Tradução do autor para o conceito de *scaffolding*, definido como “comportamentos de apoio adotados por um parceiro mais competente durante a interação com o aprendiz da L2 e que podem facilitar o progresso do aprendiz para que ele atinja um nível superior de desenvolvimento linguístico” (Mello 2004 apud Guerrero e Villamil 2000, p. 53). O termo suporte mediado também é utilizado.

Com relação a pouca utilização do conhecimento de mundo (5 ocorrências, 5,8% do total), cabe retomar o resultado da pesquisa de Khodadady (2000) sobre a primazia do vocábulo contextual frente ao global no que diz respeito à compreensão leitora eficaz. De fato, se levarmos em consideração que o conhecimento discursivo – ou seja, o conhecimento relativo às relações entre e nas sentenças e os mecanismos que fazem ligações entre as diferentes partes do texto – foi o mais empregado pelos participantes (54 ocorrências, 62% do total), parece adequado afirmar que o tipo de vocábulo empregado de modo mais constante para a realização das inferências lexicais foi o contextual, em oposição ao global.¹¹

Considerações Finais

Ao longo deste artigo, apresentamos os resultados de uma pesquisa que buscou verificar os recursos utilizados por sujeitos proficientes em inglês como L2 para a realização de inferências lexicais de quatro itens de natureza diversa – um nome, um verbo, um verbo frasal e uma expressão idiomática. A análise dos dados mostrou que as estratégias mais empregadas foram releitura e análise, e as fontes de conhecimento, conhecimento discursivo e morfológico. De modo inverso, as estratégias com menos ocorrências foram repetição, analogia, monitoramento e verificação, e as fontes de conhecimento, conhecimento da L1, de mundo e gramatical.

Esses dados mostraram, em primeiro lugar, que o uso do contexto como recurso para a inferência lexical pode ser positivo, desde que acompanhado por um conhecimento sólido da estrutura da L2 (READ, 2000; SCHMITT, 2010). Entendemos que o número expressivo de inferências corretas, condizente com o nível de proficiência dos sujeitos, mostrou que, apesar de se tratar de palavras desconhecidas, estes foram capazes de encontrar seu significado de modo eficaz, através do emprego consistente da estratégia de releitura e do conhecimento discursivo, como também do próprio conhecimento da estrutura da L2, pelo uso constante da estratégia de análise e do conhecimento morfológico.

A análise também revelou um emprego modesto da L1 pelos sujeitos – somente 8% do total –, e o resultado foi interpretado com base no entendimento de Krashen (1981) e Silva (2003) sobre a proporcionalidade do uso da L1 no processo de aquisição de uma L2 – ou seja, quanto maior a proficiência em L2, menor o uso da L1, e vice-versa –, que encontram suas origens na teoria da interlíngua de Selinker (1972).

Além de considerarmos este estudo relevante pelos dados e resultados que foi capaz de apontar com relação ao processo de elaboração de inferências lexicais na L2 por sujeitos proficientes na língua-alvo, entendemos que uma das principais contribuições está nas possibilidades de novas pesquisas que podem ser realizadas a partir destes achados. Um exemplo são estudos que busquem constatar o nível de retenção do vocábulo inferido e o papel do contexto neste processo com aprendizes de língua estrangeira de níveis de proficiência diversos, tanto para palavras de baixa como alta frequência. Outra possibilidade é analisar em que medida os recursos empregados para a realização de inferências variam em função da natureza do item lexical, e uma

¹¹ Importante lembrar que, conforme Khodadady (op. cit.), o vocabulário global é o não relacionado especificamente as palavras presentes em um dado texto, enquanto o contextual diz respeito exclusivamente às palavras do texto.

terceira, ainda, é verificar, conforme sugerido por Schmitt (2010, p. 154), se e em que contextos a inferência da relação forma-significado de um item lexical de forma produtiva leva o aprendiz a inferir também o significado de suas formas derivadas.

Assim, mesmo encerrando este texto cientes de que os achados de nosso estudo não são suscetíveis de generalização e de que uma continuação da pesquisa é necessária a fim de desvelar um pouco mais a complexidade do assunto, esperamos que este texto contribua para o debate acerca de como aprendizes de L2 de diferentes níveis de proficiência inferem o significado de palavras desconhecidas.

Referências

ALVES, C. C. *Estratégias de inferência lexical de aprendizes de inglês como L2*. Monografia (Especialização), 76 f., 2008. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, 2008.

BALDO, A. *Estratégias de Leitura em Língua Materna e Língua Estrangeira*. 2006. 210 f. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2006.

BALDO, A. Estratégias de leitura: uso da L1 e inferência lexical. *Relatório final de pesquisa*. Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, RS, 2010.

BENSOUSSAN, M; LAUFER, B. Lexical guessing in context in EFL reading comprehension. *Journal of Research in Reading*, 7, p. 15-32, 1984.

COADY, J; MGOTO, J.; HUBBARD, P., GRANEY, J.; MOKHTARY, K. High frequency vocabulary and reading proficiency in ESL readers. In: HUCKIN, T; HAYNES, M; COADY, J. (eds). *Second Language Reading and Vocabulary Learning*. Norwood: NJ, Ablex, p. 217-226, 1993.

COOPER, T.C. Processing of idioms by L2 learners of English. *TESOL Quarterly*, 33, p. 233-262, 1999.

FERREIRA, S. P. A.; DIAS, M. G. B.. A leitura, a produção de sentidos e o processo inferencial. *Estudos em Psicologia*. Maringá, v. 9, n.3, p.439-448, set./dez. 2004.

GUERRERO, M. C. M.; WILLIAM, O. S. Activating the ZPD: mutual scaffolding L2 peer revision. *The Modern Language Journal*, v. 84, n. 1, p. 51-68, 2000.

GRABE, Q.; SCHMITT, N; JIANG, X. The percentage of words known in a text and reading comprehension. *Modern Language Journal*, 94, 2010.

HAASTRUP, K. Lexical inferencing procedures in two languages. In: ALBRESCHTSEN, D.; HAASTRUP, K.; HENRIKSEN, B.(eds.) *Vocabulary and Writing in a First and Second Language: Process and Development*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, p. 67-111, 2008

HU, M; NATION, I.S.P. Unknown vocabulary density and reading comprehension. *Reading in a Foreign Language*, 13, p. 403-430, 2000.

KELLY, P. Guessing: no substitute for systematic learning of lexis. *System*, 18, p. 199-207, 1990.

KHODADADY, E. Contextual vocabulary knowledge: the best predictor of native and non-native speaker's reading comprehension ability. *The ESpecialist*, 21, n. 02, p. 181-205, 2000.

KRASHEN, S. D. *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. Oxford: Pergamon, 1981.

MARCUSCHI, L. A. Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo. In: *Leitura: Teoria e Prática*. Ano 4, junho 1985, nº 5. POA: Mercado Aberto, p. 3-16.

MARCUSCHI, L. A. Processos de compreensão. In: MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, P. 229-259, 2008

MONDRIA, J-A; WIT-DE BOER, M. The effects of contextual richness on the guessability and the retention of words in a foreign language. *Applied Linguistics*, v. 12, p. 249-267, 1991.

NAGY, W. On the role of context in first and second-language vocabulary learning. In: SCHMITT, N. e McCARTHY, M. (eds). *Vocabulary: Description, Acquisition and Pedagogy*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 64-83, 1997.

NATION, I. S. P. *Teaching and Learning Vocabulary*. New York: Newbury House, 1990.

PARIBAKHT, T. S. The influence of L1 lexicalization on L2 lexical inferencing: a study of Farsi-speaking EFL learners. *Language Learning*, v. 55, n. 4, p. 701-748, 2005.

PARIBAKHT, S; WESCHE, M. Reading and incidental L2 vocabulary acquisition: an introspective study of lexical inferencing. *Studies in Second Language Acquisition*, 21, p. 195-224, 1999.

READ, J. Research on vocabulary acquisition and use. In: READ, J. *Assessing Vocabulary*. Cap 3. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

RICKEY, C. Rio Project, a most unholy city of God. *The Philadelphia Inquirer*. Philadelphia: 25 de Janeiro de 2003.

SCARAMUCCI, M.V.R. A competência lexical de alunos universitários aprendendo a ler em inglês como língua estrangeira. *DELTA*, 13, n.2, 1997, p. 215-246.

SCHATZ, E.K.; BALDWIN, R. S. Contextual clues are unreliable predictors of word meanings. *Reading Research Quarterly*, v. 21, p. 439-453, 1986.

SCHMITT, N. Teaching and Learning Vocabulary. In: SCHMITT, N. *Vocabulary in Language Teaching*. Cap. 8. Cambridge: Cambridge University Press, p. 142-162, 2000.

SCHMITT, N. *Researching Vocabulary: a vocabulary research manual*. London: Palgrave Macmillan, 2010.

SELINKER, L. Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics*, v. 10, p. 209-241, 1972.

SILVA, C. L.J. *Why upper-intermediate Brazilian students use L1 in class?* Monografia (Especialização em Língua Inglesa). Programa de Pós-graduação em Letras. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2003.

SOUZA, L.B. *Aquisição lexical através da leitura*. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul. UNISC, Santa Cruz do Sul, RS, 2011.

STERNBERG, R. J.; POWELL, J. S. Comprehending verbal comprehension. *American Psychologist*, v. 38, p. 878-893, 1983.

VAN PARREREN, C.F.; SCHOUTEN-VAN PARREREN. Contextual guessing: a trainable reader strategy. *System*, v. 9, p. 235-241, 1981.